

Trimestre.....	24000
Semestre.....	44000
Anno.....	88000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—Di Jan van Goyen parcella Inghen, et circumdantur: cum: vultu: dicitur: in: aquila: humana: in: aetate: ad: circumdantibus: crebris.

(S. Paulo, 24. Epistolae. Epistolae Cap. 5. v. 13)

Maranhão, 10 de Dezembro de 1880

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE DEZEMBRO DE 1880.

Olhai. A vasta sala do refectório está repleta. Em roda da imensa mesa os monges se afofiam. É a hora do festim.

Festim ou agape? Nem agape nem festim. É a orgia, a orgia tremenda que no mosteiro se desenrola, como um furacão de sensualidade descommunal. É um banquete de Trimalcyão, um festim de Heliogabalus, uma orgia de Nero. É a santa refeição do convento em que centenaes de pijs cenobitas vão devorar em breves horas o producto do trabalho de milhares de braços humanos. Aquellas carnes que vedes ali, aquellas ignarías, custaram os suores e as lagrimas do servo. N'essa mesa fio tanta bebere-se o sangue do povo—a trabalho.

Mas é soberbo este respectado. Essa mesa em que a arte culmaria fez prodigios, essa mesa em que os vinhos como topázios ou rubis líquidos com em crystaes facetados os jorros de luz que dardejaram os candelabros, essa mesa é o primeiro plano de uma tela sombria. Além no fundo, como entre nevoas: descortina-se a reia das apostolos. No primeiro plano está o Catholicismo triunphante. No segundo parece ver-se o Christianismo agonisar.

E olhai para esses frades que a circumdam. Vede-lhes as faces medias e rubicundas. Contemplai-lhes o volumoso abdomen cujo vulto o habito modela. Olhai o sorriso que nos labios lhes tremula.—É a embriaguez. Fitai-lhes os olhos amarellecidos. Sabeis o que é aquillo?—É a concupiscencia.

E são pijs cenobitas, e são austeros monges, que assim se banqueiavam. São homens que juraram renunciar ao mundo. São estes sequestrados da humanidade para se occupar com as cousas do céu. São mundicos que têm palácios. São pobres que têm servos. São homens que têm a santa virtude de ser parasitas. Oh! santa moral do Christo, em que abyssmo fustro rolar!

Vede como elles se langam ás ignarías. Vede como os vinhos deixam seus vasos de crystal para circular no corpo d'esses homens. Vede como elles jejuam, como elles se maceram! Vede como o seu digno chefe, o seu abade, se repoteia na sua elevada cadeira com os gestos de um lobo saciado. Vede como isto é bello, como isto é santo, como isto é pio!

Mas, ah! entre esses frades julgo ver um homem. É um filho da Germania que se assenta á meza d'esse convento da Italia. Está triste, pensativo. Contempla a turba que o cerca com um olhar que a indignação parece agucar. Na mente d'esse homem ha como que uma tempestade enorme. Os traços accentuados de seu semblante revelam uma procella fitânica. Esse homem pensa e d'aquelle pensamento ha-de rebentar uma revolução.

Subito entra um famulo e diz ao abade:—Saiba V. P. que um servo deseja fallar-lhe.

—Mandai-o entrar.

Um servo ainda joven apresentase. É bello como esses camponezes do Milanês. Ao olhai-o reconhece-se que está alli um homem. O brilho das luzes, a alegria ruidosa dos convivas perturbam-no por um momento. Para embaraçado no meio da sala.

—Villão, o que queres? pergunta-lhe o abade.

—Venho rogar a V. P. que se digne conceder-me uma graça, responde-lhe o mancebo n'uma voz em que parece concentrar-se uma colera surda.

—Qual?

—V. P. não ignora que os direitos d'esse convento de que é abade lhe permitem usufruir a primeira noite de nupcias das servas que existem no seu domínio.

—E então?

—É que senhor acabo de desposar uma serva. Amo-o e desejava que me libertassess d'essa pratica aviltante. Tenho alguns dinheiros... e offereço-o em resgate d'esse direito.

—Dá-me o teu dinheiro.

—Ei-o aqui, senhor.

—Bem. E agora fica sabendo, villão, que um servo nada tem seu. Tu, cupulos, tens bens, tua mulher pertenceu-mos. Fico com tua dinheiro e hei-de ter a primeira noite de tua desposada. E para te punir da tua ousadia sale, villão, que vas receber duzentos acoutos. Meus irmãos entregai este servo ao preboste da albadia.

O mancebo quer fallar, mas uma raiva immensa paralysa-lhe a voz. Precipita-se contra o abade, mas os frades detem-no. Prendem-no e levam-no para fora da sala.

Então o filho da Germania ergue-se. Ha uma tempestade na sua voz. A alma afflue-lhe aos labios. Elle brada:

—Ministros de Christo, sabeis quem é esse homem que acabais de repellir? Sabeis quem é esse individuo a quem rouhais fortuna, honra, mulher, e liberdade? É o povo, o povo que vos sustenta e que alimenta vossas orgias. O povo que vos corrompeis e escravizais em nome do Christo. O povo que vos respeita porque vos julga ministros de Deus. O povo que vos sofre, mas que, quando acordar da lethargia em que o mergulhastes, ha-de pedis-vos contas da vida de trevas que lhe fizeste na terra. Ah! tremei d'elle quando se ergueu! Tremei de seu justo furor. Tremei da sua vingança! Abandonai a libertinagem e a crapula em que viveis. Não escarreis mais nas faces do Christo. O povo dorme. Tremei que o leão acorde á minha voz—á voz de Luthero!

E a voz de Luthero percutiu no convento. Os frades tremeram.

O povo d'alli em diante tinha um verbo de luz.

As nevoas que encobriam a coiza dos Apostolos dissiparam-se.

A tomada de Constantinopla pelos Turcos havia sido para a Europa o começo de uma nova era. As sciencias e as artes banidas do Baixo-Imperio haviam-se refugiado na Europa Occidental. A arte grega, com quanto decadada, foi para o Occidente um foco de luz. A luz espalçou a barbarie.

Durante os longos seculos da idade media os povos occidentaes haviam sido privados de um orgão—o do prusamento: As ações haviam perdido o cerebello para collocar em lugar d'elle a Egreja. N'essa epocha de trevas o pensamento não existira senão como existe a luz n'uma tempestade nocturna. Era o dardejear rapido do raio acompanhado do reboubo do trovão. Apoz o raio a treva voltava de novo, mais sinistra, mais espessa ainda.

A luz que viera da Grecia rutilou o secunario da Europa. Era um crepusculo na orla extrema do pensamento humano. Em breve o sol raiava sobre o horizonte.

E raiou. Vem na Germania despoleta o sol do porvir. Um homem, um genio, um deus, dera á luz um astro—a imprensa. Nas lutas do pensar, nas vagas revoltas da meditação, desenvolveu-se-lhe o germe d'esta creatura gigantesca. Gutenberg gerara a imprensa como outrora Jehovah gerou a luz.

Apenas nascida a imprensa, da atmospheria de luz destacaram-se-lhe anneis. Nasceu o livro, o novo planeta girando em torno d'elle. Astro novo e produtor elle ia a ser o arrelaxado de um mundo novo. A humanidade ia apprehender a luz; a leitura ia ensaiar a pensar; e o pensamento ia bradar-lhe—Se livre!

Mas o pensamento era supellido pelos tyranos. O povo ainda dormia. Monarchas e Papas vigiavam-lhe o somno. Os reis agulhavam-lhe os membros. Os Papas cercavam-lhe os olhos. No mundo nullo ainda existia a treva, a treva como a luz a manarella, a treva como a haviam gerado os Papas.

A humanidade dormia ainda. O somno porém era agitado. A hora do despertar aproximava-se. A luz já lhe boijava as palpebras. A luz e o melhor dos despertadores.

Mas que luz era essa que oscilava as faces do genero humano? Que novo planeta esse que vinha aclarar os horizontes humanos? Seria a luz do Golpho, essa luz que raiou do cruz que se ergueu no Calvario? Mas essa luz leveu um Messias, mas leveu um produtor. Onde está o Messias da nova luz?

—Onde está? Pergunta-o aos cellos do orbe. Pergunta-o á tempestade humana que rebenta. Pergunta-o aos Papas que tremem. Pergunta-o aos monarchas que choram. Pergunta-o ás gerações que se libertam. Ouví. Que vos respondem?

—Ouço um nome—Luthero.

—Ouvís bem. Esse nome é o do segundo avante do Christianismo.

A idade media—esse acervo de seculos que estagou os povos, vivera em forma material de se representar. Quando o pensamento enunciação, quando a razão era amputada, quando as artes e as sciencias não existiam, uma arte indifferente a tudo—a Architectura. Foi ella que procestron symbolisar as instituições n'essas immensas basilicas de pedra em que dominava o sacerdote. N'esses agulhados castellos em que viviam os senhores feudaes, essas basilicas e esses castellos eram a fillada da oppressão que o povo travava com o cunzel, o escopo e o malho. Eram o poema de lagrimas que as gerações escravizadas escreviam a ordem dos sacerdotes e dos reis.

Mas em meio d'essas basilicas, em meio d'esses palácios, um edificio fallava para symbolisar o Papado. A Egreja não apresentara ainda a sua delinção de pedra. Tinha monumentos jarciais de sua grandezza; não os tinha porém da sua totalidade. Tinha membros de mármore; fallava-lhe porém a cabeça.

A arte grega que rebentara na Europa apoz a invasão dos Turcos, vinda trazer o complemento ao quadro architectonico da Egreja. Raiando na Italia com um fulgor rapido como o perpassar de um theatro, trazia os elementos da composição do poema final. O homem que mandou

escrever essa epocha de trevas foi Julio II. Quiz escrevel-a em materias nobres. Procura symbolisar a instituição barbara por meio da arte hellenica allada á gothica. A renascença ia escrever esse livro de pedra—S. Pedro de Roma.

Mas Julio morreu deixando um meio a sua obra. Não lhe foi illado assistir ao encerramento de seu plano. Um outro ia terminar esse encanimento gigante. Um Papa tambem. Foi Leão X.

Leão X nascera de uma familia em que a arte era um culto. Pagão nos costumes e a moral só comprehedia uma religião—a do bello alliado com a da ambição. Era um filho dos Medicis. Nasceu dos oppressores de Florença e dos protectores das artes. Opprimia os povos porque o domio lhe aprazia. Favorecia as artes porque queria receber d'ellas a immortalidade.

A Leão X ia pertencer a gloria de cantar o Catholicismo n'uma epocha de maromero. A Italia estava repleta de grandes artistas. Miguel Angelo surgia com todo o brilho de seu genio enorme. O Papa tinha a mão o povo que ia trazar a ultima pagina de seu livro de servidão.

Mas, ah! o dinheiro falta para a conclusão da obra gigante. Os thesours da Egreja estão exhaustos. O livro e o poema de Leão X absorvem os rendimentos de Roma. A obra vai ficar incompleta.

Incompleta?—Não—o Papa tem um recurso—a simonia. Tem um filho—as indulgencias; Vai vender a absolvição de todos os crimes para ter metaes. Vai vender sem as cousas do céu para alimentar seu orgullo. Vai pagar uma cruzada mensutrosa para ter dinheiro. Vai delapidar os povos para satisfazer a sua ambição. Vai transformar em pedra o pio dos pobres.

—E o que fazem os povos ante esse impostor? O que fazem, dizem?

—Compram as indulgencias e encham os thesours do Papa. Querem remir todos os seus crimes por meio do ouro. Arredim na impostura com que os defraudam.

—E nenhuma voz protesta?

—Protesta? Sim. Um homem egipcio em Alemanha. Os escandalos de Roma atreiam-lhe no peito uma eloquencia viril. Esse homem falla contra as indulgencias, contra a Egreja, contra o Papado.

E eis quando Leão X termina o symbolico material do Catholicismo metado da Europa preparase a saecula-lhe o jugo.

O poema de Luthero era maior que o de Leão X. Um leu por nome—liberdade. O outro—despotismo.

Luthero é maior architecto do que Miguel Angelo.

Um dia um jovem preso de um terror sobrenatural deixava a vida secular para se abdicar a Egreja. O raio que lhe caia no lado havia-o predilectissimo. Arredimado na santidade do catholicismo cingia-se com o habito monacal. Fugia ao mundo que tenia. Abraçava a vida nua e contemplativa do cenobita. Acreditava nas virtudes dos monges, traha-lhe na pureza da Egreja. Queria deixar correr seus dias no seio da tranquillidade e da virtude.

Ilusão finesta! Ao abrir das portas do mosteiro as ilusões lhe bateram as azas espavoridas. Julgara entrar a um Eden de paz e vias-se mergulhado num oceano de torpezas. Viu os vícios, os crimes, as infamias dos frades, e sentiu

que abandonara o mundo para se entregar a um mundo mais corrompido ainda. Restava-lhe porém uma illusão. Vira o Christianismo na Alemanha, Quem sabe se só a ella estaria corrompido? Lá na Italia, lá na sede dos Papas existia talvez a verdadeira fé. Em Roma, na cadeira de S. Pedro, ia decerto encontrar todas as virtudes. Alli veria prelados dignos sucessores dos Apostolos, Alli veria austeros monges como os imaginara. Alli ia ver o Vigario de Christo — um homem santo digno de continuar a divina missão de Jesus.

E partiu para Italia. Penetrou n'esse abysmo de corrupção, n'esse antro de misérias. Vio a Igreja transformada em lupanar. Vio a infamia campear eucicamente no throno de S. Pedro. Vio nos mosteiros o vicio agitar-se como em dominio seu. Vio frades depravados deturparem tudo o que ha de santo da terra. Vio a nova Babilonia reflecta do podridão dominando o mundo e escravizando as nações que reverentes se prostravam ante seu throno de lama. Vio tudo alli. Só não achou a moral de Jesus. O Pharizeo titubava suffocado.

E voltou para a Alemanha. Voltou com uma procella no cerebro. Sua mente era um vulcão ateadado pela indignação. Lavrava-lhe internamente um cataclismo. Refazia a sua consciencia. Roteperava o seu pensamento. Refundia o seu ser. Deturcava do habito do padre rebentava um homem novo. Era um homem que repudiava o passado, era um homem que ia abrir as represas do porvir.

E entregou-se ao estudo. Leu o Evangelho—esse poema de amor. Inspirou-se na moral do Christo e compulsoi os doutores da Igreja. Vio d'um lado a verdade; do outro vio a impostura. Vio como o Papado crescera em detrimento da moral christã. Contemplou Christo esmagado aos pés dos Pharizeos, e pensou em continuar a obra sublime do justo martyr do Golgotha.

Estava seu espirito n'este periodo de fermentação. Rebentam as predicas d'indulgencias na Germania. Vê os Papas disporer do ceo como se dispõe d'um prostibulo, lugar em que todos podem entrar. Vê como se escarnece do genero humano. Vê como Deus serve d'instrumento á insaciavel depravação de seus ministros. Vê remirem-se todos os crimes em troca de dinheiro, todos os de licitos em troca de um vil metal.

Ah! é demais. O oceano de seus pensamentos rebenta os diques. Não, não é mais possivel permanecer mudo. Não—o silencio seria cotardia. Não—a hora da verdade era chegada. Era tempo que a ventia cahisse dos olhos do povo.

Então a Alemanha attonita ouve uma voz—é Lutero que prega contra as indulgencias, Lutero que vai encetar uma obra de luz.

E os povos contemplan o reformador. Veem-no magestoso surgir como um furação de verdades. Um fremito percorre as nações septentrionaes da Europa. Algumas das algemas dos povos estalou.

A reforma acalava de dar o seu primeiro passo.

No seo da humanidade começara-se a escrever o prologo de noventa e tres.

Um cataclismo de luz baixara á Alemanha.

O homem que accendêra o facto foi Lutero.

Cercado no seu throno de todos os esplendores da purpura romana, Leão X estava alheio á tempestade que se desencadeara no Norte da Europa. Em meio das orgias em que consumia a existencia, no seo do luxo e das artes que o rodeavam, ainda não estalara o raio.

Um mensageiro porém chega. Vem da Alemanha. Traz ao papa a nova da revolta de Lutero.

O papa ri-se. Ri-se porque julga impossivel que um obscuro monge derroque esse colosso—Catholicismo Romano Considera Lutero como um louco, e zomba do reformador. A cegueira dos despotas invadira-lhe os olhos. Precisava porém satisfazer aos pedidos

dos prelados allezaes que exigiam a repressão do reformador.

Leão manda seu legado acompanhado de doutores a Augsburgo. Manda-o para forçar Lutero a retractar-se. Exige que elle compareça á dieta.

Lutero vai. Vai para confundir a seus adversarios. Vai para mostrar ao povo que a grande obra da liberdade soou. Debaixo do intimalam. As linguas de João Huss e de Jeronimo de Praga não o assistam.

O legado ouve Lutero. Ouve-o e trombe. Atraz do reformador vê o vallo roscoso do povo. Lutero é uma voz. Essa voz e a da humanidade. Lutero não se desfilia. A humanidade não se retracta.

O legado avisa Leão X. Mostra-lhe o abismo que se escava na ao lado do throno papal. A Igreja está em crise. E preciso um golpe d'Estado. Excomungue-se o anão imbecillo. Prenda-se-o. Quememmo se tanto for necessario.

Leão era myope. Não vio o abismo. Sentiu contudo um vago estremecimento do terror. Lembrava-se de escrever a Lutero. Falso, e extorquia-o a retractar-se. Promette-lhe honras, dignidades e dinheiro com tanto que apusasse.

Ante o suborno Lutero permaneceu inabalavel como ante a ameaça. Lutero é um genio. O genio não se vende. Não se vende e muito menos quando o comprador é um Papa. Além d'isso é um libertador. Quem dá ao mundo a liberdade não vende a sua ou troca de dinheiro. Quem quebra os grilhões dos povos não estende os braços ás cadeias. Leão apavora-se então. O medo porém é tardio. Afaste da Alemanha já é Lutherana. O papa serve-se de um grande meio—fuzuma uma excomunição contra Lutero. A excomunição é a arma com que os papas pretendem amolear os povos.

Lutero ri-se da excomunição. Pega na bulla em que era fulminado e queima-a na praça publica. O povo applaude-lhe a audacia. Vê no homem que o electriza com uma eloquencia de fogo um individuo para quem o medo não existe. O povo admira Lutero.

A humanidade reconhecera que tinha n'elle o defensor dos seus direitos.

D'esta vez não pensou em recompensar o homem com a ingratidão.

Nem sempre o poder está do lado dos Pharizeos.

Em Worms convocada por um imperador uma dieta romana-se para julgar o reformador. Citam-no a comparecer e Lutero apresenta-se. Vai como João Huss a uma assembléa de vilates. Nada teme. Sentese forte com o apelo do povo. Entra na cidade como um conquistador. Havia effectivamente feito uma conquista—a das consciencias.

A dieta quer julgar Lutero. Quer porém fazê-lo com mysterio. O reformador protesta. Quer a publicidade porque quer a luz. A grande questão deve ser decidida ante o tribunal do povo.

A dieta recusa. Então Lutero parte. Quer a luz. Não desceja o combate traço por traço.

O povo acompanha Lutero com aclamações. Passa do genio que resistiu á Igreja, admira o homem que não teme o Papado.

Então Carlos V faz baixar um edito contra Lutero. Preserivo o innovador. Estava findo o primeiro acto da Reforma. Até alli fora uma questão religiosa. D'alli em diante seria uma questão politica.

A Reforma começara pela liberdade religiosa; acalava pela emancipação civil.

O edito de Worms abria á humanidade o caminho de noventa e—e—trez.

As gerações iam fazer essa immensa viagem.

Trez seculos nos separam de Lutero. A voz do filho da Germania percutiu-nos porém ainda aos ouvidos. Ainda o escallameo brandir contra a Igreja, ainda o vemos arcar com a impostura.

O Catholicismo Romano ainda existe. Ainda o throno infame dos Papas se sustenta em meio dos povos. Ainda todas as consciencias não se aciam livres. Ainda o padre vive delapidando a humanidade. Ainda o Christianismo serve de base á religião dos parasitas.

E estamos no seo do dezono. n'uma epocha que jorra luz? E, apesar da sciencia e da arte que progredem, ha ainda na sociedade um lugar para o padre romano—no budgeto do trabalho conservasse ainda o lugar do parasita?...

Ao passo que todas as classes trabalhavam, ao passo que todos os lavores procuram ser productivos, conservasse a vida social o parasita que se abriga oculto das vestes do sacerdote—um homem que zomba dos honras e de Deus!...

E o sacerdote que existe o parasita que se abriga—o acolyto do Papado—e o vingado na ordem de Roma!...

E a humanidade que tem penas para outros crimes, tem castigos para estes infames!

—Infames! —Sim, infames. Commetem o maior dos crimes—são perniciosos ao homem, são maldes a terra.

A humanidade contrahora pela voz do Lutero pregou contra as indulgencias e contra a Igreja. Hoje deve erguer-se a fulminar o parasita—o lobo voraz que lhe devora a subsistencia.

A frente d'essa multidão de lobos está essa instituição negra—o Papado. Extermina-a para que não volte a escrever os horrores da humanidade.

Conclui a obra começada por Lutero. Deixou ao seo essa gloria.

Só os operarios do porvir.

to Illm. sr. Dr. chefe de Policia.

Ante-hontem deite-se em Santo Antonio um facto gravissimo que pode ter serias consequencias se se reproduzir, e por isso chamamos a attenção da autoridade competente. Um negociante portuguez—da rua do Trapiche—foi aquella igreja com sua sr., assistir á festividade e causado d'estar de joelhos, levantou-se. Mas não terião decorrido ambos minutos, quando foi surpreendido por esta frase violenta—*apelle-te bacalhau*—Volta-se e vê um negro, em magas de camisa, que batia no peito dizendo—*faz ea quem te faltou, estou aqui para fazer bacalhau apelle-te!!!* O cavalheiro, que não vio pulcra ali, que o possesse garantir de qualquer insulto, tomou a resolução de retractar-se. O illm. sr. de chefe de policia, intelligente como é, não precisa que commentemos o caso para lhe comprehender o gravissimo alcance. O fanatismo é capaz de todos os crimes.

As cartas vir.

Vibrando ainda uma vez a arma da calunnia, surgiu uma hebreica carta aos Macos do Maranhão.

O fim d'essa carta é exactamente o mesmo que o da precedente. E envolver a Magocaria na causa do «Pensador».

Nada apparenta portanto do novo, afóra algumas grosseiras injurias que nos arremessa. A facilia é a mesmra, e a vileza das imitações do seu autor como na segunda se patenteia.

Já respondemos ás calumnias que nos foram lançadas. Já evidenciamos as falsidades com que nos queriam macular. Bastava-nos por conseguinte pouco a dizer. Poder, porque nos é penoso combater adversarios tão desleaes. Pouco, porque com asco que respondemos a estes tão vis.

N'uma epocha como a actual em que o padre romano carrega com o odio do mundo inteiro, n'um seculo em que os acolytos do Papado são o que ha de mais desprezível na terra, causa na verdade pasmo que se atrevam a vir discutir ideias á luz da imprensa. Só uma amalação extrema ou um refugio cynismo é que pôde ser o movel da sua conduta.

Andam, porque elles, cujas doutrinas não resistem á duvida severa das analyzes, longe de defender as rimas de sua Igreja, se precipitam contra instituições pupales de força. Cusimso, porque alcançando o campo da discussão das suas doutrinas, não tem a vergonha de reconhecer que é o interesse que os guia e não as convicções. Atacados—respondem com o tempo, isto é malicia. Confrontados—respondem com injurias. Isto é cynismo.

Perseguidos pelo «Pensador» que nesta cidade veio oppor-se-lhes á fanatica propaganda, os seules de Roma lançam-se contra a Magocaria. Dizem se isto não é miseria. Perseguidos pela opinião publica querem combater o «Pensador». Dizem se isto não é infamia. Acusados pelo desprezo publico fingem desprezar individuos que valiam mais do que elles. Dizem se isto não é cynismo. E são estes os defensores da Igreja Catholica? Atacados—desleaes, Catholico!

E são estes vermes que osam dizer que casam o nome do «Pensador» pelo respeito que tem á moral publica! Se respeitassis a moral publica, sycophantas, ha muito que deixariis de viver entre povos civilizados. Ha muito que a sociedade deixaria de ver vossos vultos negros e repugnantes. Ha muito que o genero humano deixaria de contemplar-vos, larpas da consciencia que lubo manchais com vosso contacto impuro. Ha muito, enfim, que a humanidade se veria livre de vos, de vos que sois o que ha de mais deshumano no seu seo. Respeitai a moral publica e vos retirareis no pó. Vós sois a corrupção e osais falar em moralidade! Ah! apesar de infame Calpaz nunca se vestio com a túnica do Christo!

Vossos adversarios, dizéis vós, são esbirros, são instrumentos, são individuos sem impugnação moral! Fizos bem. Somos esbirro, porque o esbirro tem o dever de perseguir os ladros, e vós sois os ladros das consciencias. Somos instrumento porque proximo de um azorrague moral que vos instiga, e nós somos o azorrague. Somos individuo sem impugnação moral, porque necessitamos de uma guilhotina para as vossas ideias anti-sociaes, e nós somos essa guilhotina que não arredia, mas que mata a desmoralização.

E agora vós, o que sois? Temos nojo em dizê-lo. Sois o parasita infame que vive na sociedade do trabalho alheio. Sois o ente que não tem a força de ser útil e que se alimenta com os saores das classes productivas. Sois o caeceto d'essa galá—Roma. Sois o assassino do pensamento, vós que lhe quereis matar a liberdade. Sois o corruptor dos costumes, vós que transformais os templos em prostibulos e as sacristias em lupanares. Sois o bandalo que vive da credulidade popular, o infame que se sustenta por meio da impostura. Sois... ah! vós não tendes nome que vos quadre. Sois o lodo da humanidade, sois a essencia da corrupção. Moralmente estais colorados abaixo do ladrão e do assassino. O ladrão rouba—mas é os bons matrineros. O assassino mata—mas é a vida do corpo que elle arranca. Vós roubaes e mataes o que ha de mais santo no homem—a consciencia. O ladrão e o assassino são crimes seus, vós sois infames. Vis, vis, vis sois vós, padres de Roma!

E apesar de serdes o que sois ainda vos atreveis a ostentar desprezo para com aqueles que vos combatem! Sabeis ser injurientes quando o quereis, padres romanos! Vós—o lodo, osais falar em desprezo! Vis—a lama, osais falar em moralidade! Ah! ate onde pode chegar a audacia dos Polletimellos!

Como já o dissemos, vossas cartas aos magos são uma prova d'essa audacia. Felizmente a Magocaria não presta obediência a vossos nivos, lobos de Roma. Deixa-vos em paz, porque vos despreza. Podéis lutar contra ella, que nada vos responderá.

Quanto ao «Pensador» podeis gritar quanto quizerdes contra elle. Embora lhe causeis asco elle ha-de occupar-se de

vós. Uma pustula é uma coisa inaudita, mas o medico tem a obrigação de sondá-la para a curar. Vós sois a pustula social e nós somos o medico. Havemos de vos sondar para curar a sociedade d'essa chaga. Sois a pustula purulenta—nós seremos o canthero.

Estravejai portanto contra o «Pensador». Continuai a calumniar-nos. Mentí como costumais. Escrevei cartas aos Macos. Nós vos esperamos placidos e tranquilos promptos a vos esmagar como se esmagam esses reptis venenosos gerados pela podridão.

E que os reptis rojam como vós na lama.

O «Pensador» ha-de esmagar-vos.

COLLABORAÇÃO

O Jesuita no seu elemento.

Appareceu heretico pasquim.—Vêo um tanto maior, um tanto mais turbulento. Vêo mais pejado de calumnias e mais vasto d'importancia. Ahi está concentrada toda a raiva que tem o jesuita contra tudo aquillo que é bom e útil. Ahi está patente o odio que tem elle por tudo aquillo que não é de Roma e sim do seculo. Perseguido por todas as ladas pelo demónio da sciencia elle procura furir a civilisação moderna com todas as armas que o passado lhe legou. A calumnia é a que mais habilmente elle maneja. É esse terreno é quasi invencivel. E é armado assim que vai de encontro á tudo que é novo.

Miseravel! Não sabe que a humanidade marcha, e que cada passo dado pelo espirito na estrada do desenvolvimento humano é um pedaço do—papado—que haqueia. Miseravel! Não sabe que o mundo não se illumina com foguetes, e sim com a luz que emana da razão.

Esse—pasquim—é a maior prova do quanto vale o jesuita. Não discute, sophistica. Não analisa, calumnia.

Ler o tal—papal—é estar proximo d'um charco. Sente-se um cheiro activo de podridão. Houve já quem o chamasse como de esgoto. Tire-se a conclusão do que não será a intelligencia do autor. Por detrás d'esse—papal—está oculta a figura hedionda e repugnante, asquerosa e nojeada do jesuita, que procura laçar a sociedade o pomo da discórdia.

O jesuita não é só uma fera, é um animal invejoso. Desprezado pelo mundo illustrado, repellido pela sciencia, accusado pelo progresso, elle, no augo do seu desespero, contempla, com profundo desgosto, o que tem perdido, e solta um brado de cólera, simultaneo ao rugir do tigre que é ferido no coração. Queréis uma prova d'isto?... Ahi está o tal—pasquim—contra os macos, obra pela qual podemos medir a pequenez do seu autor.

E, o que é para admirar, ha quem teinha tido a audacia de dizer que semelhante coisa é producção do talento do sr. conego Mourão. Não, não acreditamos. É impossivel. Inida que nos provassem, de uma maneira incontestavel, ser elle o autor, nós duvidariamos, como duvidamos. O sr. conego Mourão é pessador d'um talento robusto, d'uma illustração variadissima, d'uma penna possante, e como tal não pode, de forma alguma, ser o autor d'esse—papal—que deshonraria a qualquer bandido ou espóheta do papa. Quem tom, como elle, uma grande quantidade de conhecimentos, não pôde produzir coisas tão popueiras e porcas... Toda intelligencia cultivada illumina. Esse pasquim não só emegreço a nossa epocha, como tambem a reputação de qualquer escrevhador. Nunca de penna alguma cahio horrão tão grande e negro.

O sr. conego Mourão é incapaz, nós affirmamos, de tão baixo procedimento. Não se troca facilmente a penna de escriptor distincto pela lama do pasquimero infame. Quem foi redactor da—«Boa Nova»—e que é hoje da—«Civilisação»—não é e não pôde ser autor de—pasquim.

O sr. conego Mourão é muito honrado e grande respeitador d'aquillo que é nobre e sublime. E como attribuiu-lhe coisas indignas de um homem de bem!

Não, não é possivel. Nós fizemos delle um juizo muito favoravel. E é por isso que achamos convenientemente que elle proteste contra tão alta infamia, a bem de sua dignidade; que venha desmascarar os calumniadores, mostrando assim que, quem tem fido o prazer de ver seus artigos vertidos para diversas linguas da Europa, não pôde escrever—pasquim—, sem primeiro ter descido das regiões brillhantes, onde pairão os condores, no localão imundo, onde se arrastão os vermes.

Homens, como o sr. conego Mourão, nunca descem. São arrolhados as alturas infinitas pelas azas da celebidade.

Dr. bronzo.

Um peccado mortal.

Frao no luto da coroa e auctoridade. Pelas janellas que pra ella affo. Entrava um vento fresco, que fazia as delicias do padre capellão.

O andar era tão forte no moito da, que elle não resistia a tentação o de peccava o padre? occupado estava, d'uma velha contenda a confissão.

Pergunta a velha—banta peccou?...—Moi padre, nunca peccou eu, eumanto se extra-fuira—curra assada?

Espantado, o capellão estremeeou. E surrindo de espó a pizada:—Distinga... boceja-o adormeceu.

A. do P.

O padre romano.

O padre romano é de sua natureza perfdio e cruel. Suas armas são as mais infames, —ira fe, calumnia, difamação. E elle as vira com sua destreza infernal.

Qualquer occasião que se lhe depara de-pol-as em acção, elle ful-o. Fal-o em detrimento da verdade. Fal-o pondo mãos á razão. Fal-o possuindo de espirito satânico.

E quando elle resolve-se a fazel-o, nada l'ho impede. Os homens mais importantes por seu saber, virtudes e patriotismo l'he não escapam.

Ha bem pouco tempo morreu um homem. Morreo coberto das benções de todos os homens. Morreo elevado ao fastigio da gloria. Esse homem, que se chamava Osorio, era magro. Os padres entenderam que era preciso exercer uma vindieta contra esse magro glorioso. E fizeram-no. Fizeram-no, servindose do meio mais vil e torpe,—a calumnia. A calumnia é uma de suas armas favoritas.

Combatiaram um plano,—um plano digno d'elles. Escuraram immediatamente a casa do infelto general, um frade, frei Fidelis,—frade digno deste nome, que se dizia amigo de Osorio. Esse frade seu consciencia descompouo satisfaccionalmente o papel que l'he fura confiado. Elle que acompanhara o illustre Osorio ao campo de batalha, que fôra testemunha de suas glórias, não trepidou insultar a memoria do benemerito da patria. Fôra-lhe ordenado que, paesquer que fossem os meios, procurasse descreditar Osorio, no juizo de seus concidadãos. E elle fez-o. Fez-o com ruzagem so digna de um padre de Roma. Declarou, pela impressa, que Osorio havia renunciado á magonaria!...

Mas, a infamia, a calumnia, não ficou de pé. Ella foi immediatamente descida. Um distincto filho do illustre general desmentio solemnemente as falsidades, os embustes, desse frei Fidelis,—digno instrumento de D. Pedro de Lacerda.

O padre romano foi desmascarado. Elle, porém, não desesperou de conseguir seu intento. Appellou para outra occasião.

E esta chegou. Chegou com mais uma sensivel preta para o Brasil. Uma outra victima illustre tombou na solidão do sepulchro. Morreo a illustre Paranhos. Morreo coberto das benções de uma raça inteira que libertaria. Morreo coberto do reconhecimento de todos os brasileiros, a quem avicrão dos caprichos de dous bispos rebeldes e mal intencionados.

Paranhos havia encoverado dous bispos. Encarcerara-os, como se faz aos criminosos. E elles eram realmente criminosos. Haviam recusado cumprir as leis do paiz. Queriam atear o facho da discórdia entre os brasileiros. Elle era magro. Como Osorio, era preciso que fosse descreditado no concerto publico. E os padres fizeram-no. Fizeram-no ainda

de um modo infame. O meio de que serviram-se foi o mesmo,—a calumnia. O instrumento o mesmo,—frei Fidelis.

E esse frade fez-o. Fez-o, como fizera o Osorio. Fez-o como está prompto a fazer todas as vezes que houver occasião.

Mas, a frei Fidelis, movia o interesse da seita. Elle era simplesmente o braço. Era instrumento inconscientemente de outrem. A cabeça era D. Pedro de Lacerda,—esse jesuita honorario e servo humilissimo de Roma, na phrase do distincto cidadão, Saldanha Maranhão.

Ainda desta vez, a infamia foi desmentida. A verdade triumphou. Triumphou para vergonha do padre romano. Elle aborrece a verdade; ama a mentira. Ama-o porque só com ella é que pôde apadinhlar seus infantis. O illustre filho de Paranhos, com o testemunho das pessoas presentes, desmentio solemnemente esse frei Fidelis.

O proprio Paranhos, pouco antes de expirar, fez-o tambem. Fel-o de um modo o mais claro possivel. Elle disse:—Estejam certos de que hei de confirmar perante Deus o que hei affirmado perante os homens.

Desmentido, desmascarado, o padre romano não desesperara. Elle não desespera facilmente. Tratará de afiar suas armas para outra occasião que appareça.

E vós, que nas léses, affastai de vos esse abutre que se chama padre de Roma. Quer se apresente sob a batina do simples padre, sob o habito do frade, sob a mitra do bispo, ou sob a mitra do papa, elle é sempre o mesmo.—NEPRUDO, CORRUPTO, AROMINAVEL.

Hugo.

ECHOS DA RUA.

TENTO NA LINGUA.

Aconselhamos á vólha beata Guilli. que se entrefenha com a veronica que l'he deram os tratantes do Coração, e não ande injuriando, pelas casas onde vai tagarellar, os Redactores d'O PENSADOR, que nunca a offenderam, sob pena de l'he dedicarmos um tango especial, com a competente cantiga.

E sinhá velha bem sabe que o ridiculo vai muito melhor em uma tartaruga pretenciosa, do que em qualquer jesuita.

Os fogueteiros da capital descolriram utilidade nas taes cartas pasquims.

E' bem certo o adagio—O bocado não é para quem se faz e sim para quem o come.

João Gaspão a fazer litteratura e os fogueteiros a queimar-a em bombas!!!

O perigoso importado diz que é padre de precedentes cascheiños!!!

Ninguém duvida tartifio, e todos sabem que é filho d'aquelle celebre malvado, que com o auxilio da batina levou o adulterio á casa do amigo, sendo por isso beneficeño!!! E depois—ção de cada vem de raça.

Aza pegra o embustero disse na Trêça que a religião romana tem swapor triumphado; e no entretanto o papão de Roma já não tem reino, e os tratantes de roupa são banidos de Franca!!!

Tem gosto pra ser burro este pedante.

O patuso D. Gêrbea disse, entre os seus intimos, que quando era pequenino furtaria um dia um serrofinho!!!

Cautela ferrageiros, se o menino crescer com os mesmos habites, escondam os serrofines.

Uma respeitavel senhora, a quem a cacetinho convidou para irmã do coração, deu a seguinte resposta:—sendo já filha de Deus, não deixo pra ser irmã; e depois aquellas pandogas de sacristia repiquam-me sobre modo.

—Que maranhense distincta!!!!

A beata do cacetinho chamou ha dias um moleque que passava e mandou-o levar uma carta ao seminario. O maroto em lugar de empurrar a ordem poz-se a gritar no Largo—carta de moça pra padre—atrahindo ás janellas todos os visinhos!!!

—Coitadinha da branca, que colicas ella não devia ter?!

A grande viuvoona, thesourreira do coração, peza a bagatella de 114 kilogrammas!!!

—Safa! Se sellassem frei Magrigo, elle com certeza não a levava á Villa do Paço.

O revl. frei Ozorio continua o namoro na rua Formosa!! Entra ás 5 horas pra palestra e só se retira ás 9!!!

—Este tartifio é muito petulante.

O gaúdo D. Gêrbea foi visto um dia destes no Tiroly montado n'um dos cavallos do sr. JOSÉ VILLEGAS.

—Este Antoninho, este Antoninho ainda quebra a cabeça.

João Marrão o gadelhudo, depois que fallamos no cuspo, compra todos os dias pedra-lume-para trazer na booca!!!

—AL CAMBRONNE, se não tivesses morrido, nós te poderiamos que l'he fornecesses a droga.

O seductor das orphãs diz no terceiro pasquim que D. Gêrbea não é pusillanime.

—Sim senhor tem razão. Elle é tão valente que já mantou nos cavallos de JOSÉ VILLEGAS.

O infame gadelhudo diz que não promencia o nome d'O PENSADOR pelo respeito devido á moral.

—E' pelo mesmo motivo tartifio, que nós callamos certas scenas infames que se dão por occasião de reunir-se a meza de certa irmandade, mas não apurem muito...

O perigoso importado diz no terceiro pasquim qu'elle é um padre consficcio!

—Coi-cuspo é que devias dizer grandissimo porco.

O infame importado diz que mandamos vir do PANÁ uma caricatura indecente!!!

—E' mentira canalha. O que pedimos pra lá foi um cajado para quando in fores bispo da Estação.

O canalha gadelhudo escoutea nos seus pasquims um cavalheiro completamente alheio ao PENSADOR, o fuge covardemente sempre que o fustigamos na cara!!!

—Não admira, este miseravel só o valente com as orphãs.

O famigerado bandido, que no Pará tanto maltrata os portuguezes, procura aqui fazer o mesmo, agitando paixões de nacionalidade!!!

—Descanço hiltre, infamias aqui não medram.

EXPLICAÇÃO NECESSARIA.

O juço do nickel é uma innocente passatempo em que o marmago perde uma d'aquellas moedas e a parreira um bojo. —Ah! religião, religião, serves de capa a muita marteira.

Movimento dos templos—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Amount. Rows include: Beatas de ponce mais ou menos (11), Ditas do santo Chifrin (18), Dita zeladora com seus olhos marrotos (1), Thesourreira grandalhona (1), Grande Chefa Care (1), Sen pasquimo amarello (1), Jostilas de cores (5), Ditas da benta boia (3), Curiosos diversos (7), N. B. Seu Pureza não foi por estar com deluxo; e o Vigario de Piraçuna estava no côro ajoelhado, de braços cruza-

dos e (caso virgem) com a bocca fechada!!!

Ponta semanal das visitas de D. Gerônia ao convento:

- 29— Não foi com medo d'O Pressanon.
- 30— Não foi jogar a nickel.
- Dezembro.
- 1— Não matou saudades.
- 2— Foi um bocadinho depois do Te-Deum, mas não jogou.
- 3— Foi às 7 horas da manhã, com dois formigões, um conego infantil e dois filhos de padre; e saiu às 11 horas com os mesmos.
- 4— Não foi com medo d'O PENSADOR.
- 5— Foi às 7 horas da manhã, com uma bonita roza, e saiu ao meio dia sem ella.

Assim seu Tonic.

Soror Pongador.

GERONIMA.

O sr. dr. Capella, illustre consel de Portugal, recitou, por occasião da sessão solenne do dia 1º de dezembro no Hospital portu- guez, um discurso positivista, em que fal- lou modernamente da caridade, da colônia portugueza e em que apresentou desassom- bradamente, sem guinchos de reitoria, o deca- dência da sciencia como unico motor ver- dadeiro do progresso e da civilização.

Falamos bastante em registrar nesta folha um facto tão poderosamente significativo, e apressamo-nos a enviar d' aqui os nossos parabens, e a fazer, como bons maranhenses, os nossos sinceros agradecimentos ao digno representante da nação portugueza.

S. S., tirado as classicas e legendarias barbas do bom Portugal, prestou-lhe melhor serviço do que se lhe extrahisse um dente cariado—aquellas barbas postizas encontravam o pobre homem e davam-lhe o aspecto seuil de um rei de nagia.

A hygiene ha muito reclamava semelhante medida, que alem de muitas outras vanta- gem que offerece a nosso irmão de alem-mar, dá-lhe mais a de não ser de hoje em diante tão facilmente agarrado pelas barbas.

O que nos parece de igual urgencia e ne- cessidade é que a digna directoria da so- ciedade humanitaria suprima, por coherencia ao discurso do sr. consel Portuguez, a missa, que se costuma celebrar na capella daquello hospital no dia 1º de dezembro.

Esta missa era como que uma consequen- cia d'aquellas barbas—uma vez supprimida a barba, a missa não tem uma razão de ser.

Queira a illustre Directoria pensar firm- mente sobre o que avançamos e verá que temos razão.

O Hospital Portuguez é um simples esta- belecimento de sanidade, e como tal mereo o melhor acolhimento e respeito dos homens bons; ora a missa, segundo nos consta, não tem ainda a propriedade de curar a entu- queca e suspender o defluxo, logo não tem que cheirar em uma casa de sanidade.

Lembramos a competente directoria o con- fortavel alvitre de reduzir a missa a caldos de galinha e a simples marmelada; pois, se quem procura o hospital tem em vista neces- sariamente tratar do corpo e não da alma, desejará que lhe confortem do preferencia aquelle a esta!

Por conseguinte meos respeitaveis senho- res—menos latim e mais caldo!

Uma outra coisa igualmente incoherente com o discurso do sr. dr. Capella, mas que não se pode remover com a mesma facilida- de, e pela qual não responsabilizamos o dis- tincto orador, e a vistosa farda de ss.,—aque- lle chapéo armado, aquelle espadim, aquelles galões e aquelles bôdas amarellas represen- to o militarismo, a diplomacia, a etiqueta, a pulha, fazem parte dessas instituições ha- lorentas e naturras que ss. pretende honesta- mente derrocar no seu bello discurso positi- vista.

Uma simples casaca senta muito melhor nas espaldas robustas de um adepto das sci- encias praticas, e um modesto chapéo de pelo accommoda-se mais a vontade na cabeça a esovinha de um pensador moderno.

E para prova, queira s. s. experimentar o que dizemos, collocando um chapéo armado na cabeça de Thiers e nos dirá depois se s. s. soltou ou não uma lã risada.

Em quanto o sr. de Capella esportava elo- quentemente a luzinha vacillante da intelli- gencia desta lã pruviera, o sr. padre Osorio soprava contra ella com toda a bôa volun- te do seu estabrimo cerebral; mas, gra- ças a fraqueza dos pulmões de s. v. m. a luzinha não se apagou e s. v. m. ficou com o bôlo ressequido.

O impagavel pregador sobio ao pulpito de S. Antonio na sexta-feira e destruiu um formidavel sermão a respeito do DIABO, afiançando ao respeitavel auditorio, que o ouvia de bocca aberta, que isto de sciencias e de philosophias positivas não passa de uma grandissima pomada e que toda aquelle, que não acreditasse no diabo, não devia tambem acreditar em Deus!

No proxima sexta-feira contamos que o mesmo pregador subirá novamente ao pul- pito, para provar a existencia da Cacalla- coinga e da Mãe d'agua, e embalsamos a esperança de chegar mais tarde a um accordo a respeito do Cabotido coveguira, que falta crutanas e do legendario Papão.

E, para sermos agradaveis ao sr. padre Osorio, desde já fazemos votos a Deus e ao Diabo para que se dignem, por sua infinita misericordia, não encher a cabeça de pensam- tos de burro!

Uma carta as excellentissimas irmãs do Coração de Jesus.

Adoraveis e excellentissimas senhoras Tomamos a liberdade de recommendar a vv. excs. que acabamos de chegar da Nova Idea, um apressivel sitio a trinta passas da costa de Aragoay.

Depois neste instante a nossa mala e a nossa horraça, temos ainda a roupa impreg- nada dos perfumes das matas e as palmeiras arduas pelo arca benéficas da costa. Quem escreve estas banalidades a vv. excs. haute em duas horas de remo e ainda tem o biceps impressionado do exercicio. Eis quanto da manhã de hoje trazejou no rio e depois en- galgo trez legoas a pé. Estu por conseguinte na melhor disposição—bom appetite, bom hu- mor e uma condescendencia illimitada.

Antes porem de entrarmos em conversa conveny declarar a vv. excs. que a barra do Aragoay é um lugar esplendido—vasta plani- cie de areias brancas, onde as ondas revolu- cionarias despedaçam seus cylindros espon- sos e levantam na atmosphera o pó humil- do das agoas. De fronte, contrasta com o aspecto assanhado do mar a melancolica pregosca das lagoas, em torno das quaes as garças passiam solemnemente suas gambias silen- ciosas. Ha em toda a natureza um tam claro e vibrante, que nos penetra e commove—a luz derrama-se do alto como um liquido dor- dade e pulverisa-se no ar. Um concerto vago e tremulo levanta-se do terra como um perfume azul e evapora-se na irradição da luz do sol.—O marinho doce da floresta casca-se harmoniosamente com o grave assurar do oceano, e os ventos desconhecidos estufam as notas aguda do concerto nas falhas volup- tuosas das palmeiras.

E' soberbo!—os pulmões enchem-se de um ar puro e oxigenado, as ventas arregaçam-se para servir o balsamo da vegetação e o cora- ção, como um baião de borraça, dilata-se com um contentamento inelavel—a gente sente-se bem, agita os braços, corre, é in- capaz de uma acção má, sente desejo de cantar, palar e desenfilar boas risadas, francas e claras como a espuma do mar.

Pois imaginem vv. excs. que hontem, justamente quando nos achavamos nesse estado feliz de força e saúde, enquanto percorríamos a costa e desdobravamos com os olhos as bal- las matigões que se perfilam no horizonte, eramos presa de uma meditação estroba e profunda—dir-se hia que o objecto de nossas pensamentos nos amolhava como uma noticia má.

E sabem vv. excs. em que pensava o mo- desto autor destas linhas?

Não sabem! Pois era justamente em vv. excs. que elle pensava—era nas pobres ir- mãs do Coração de Jesus, nessas pobres flo- res destituidas, que vão fenecendo nas scrip- turas, a mingua de bom ar, bom sol, bom exercicio, bôa alimentação a roast-beef, a mingua dos banhos de mar, e principalmente a mingua do orvalho restaurador da sciencia, que em forma de filhos, lhes devia ministrar um pai, um marido, um irmão, um mestre ou alguma alma bem intencionada, que compre- hendesse a necessidade urgente de habilitar a mulher, para que ella podesse desempenhar dignamente na sociedade e no lar o importan- tissimo papel que lhe compete.

Sim! elle pensava em vv. excs.—pensava que, enquanto elle estava ali a fortalecer seu organismo, a desenvolver o seu thorax, na contemplação das espumas do oceano, vv.

excs. estavam sem dorida adolecendo no mycticoismo evocador de algum cubiculo re- liginoso, envenenando os palhaes com um ur- binoide, saturado de incenso e de acido car- bônico das cirios, ou estariam na egreja, a rezar, em uma posição forçada, a respirar uma atmosphera viciada pela agglomeração dos corpos mudas das devotas, ou então, o que é o peor, estariam prostradas aos pés de algum confessor esterra, que lhes dava a contemplar, não as bellas espumas do oceano, mas as es- pumas mucosas de uma bocca datavel.

E o chronista, pensando nisso, ficou triste!

Triste, porque vv. excs. não se têm o direito, como a obrigação de ser fortes, en- rufadas e sadias. Entre vv. excs. ha mães e ha esposas, que abandonam a casa e os filhos nos cuidados dos tamoios e vão passar o dia em Santo Antonio. Cassa até que uma de vv. excs. leva pela manhã um bule de café e duas rosas e só volta a tarde para o jantar.

Toda esta desordem mental, toda esta des- organisação da familia, reverte em prejuizo das pobres criancas, que vivem a infelici- dade de nascer de uma devota.

Enquanto vv. excs. coram horas esquecidas em Santo Antonio, anda o diabo a rabejar na casa de vv. excs.—o serviço é logo afilado pra um lado, e os escravos caem no romanc- ho—veja-se a desordem em que vas indo—os quartos não foram arrumados—as refe- ções se desarmaram, as lanchas, barradas de gordura, transbordam agua suja—a varanda espresta já o posto que tem a vassoura—o quintal está immundo—a roupa branca já não se concentra—as camizas das criancas estão espedaçadas—a cozinha converteu-se em um ponto de reunião da agredulhada da visitação—vv. excs. coram os ovissem os palhaes que ali se dizem—os filhos de vv. excs. parecem uma pobres filhas sem mãe, cheias de mau trato e pólhos, passam o dia na rua a brincar com terra, a ouvir obscenida- des e a levar pescoções dos moleques—a creoulos aproveita a occasião para dar trela ao seu homem no fundo do quintal e, como a se- nhora só chega lá pelo jantar, a filha mais velha recêbe-o no namorado na sala.

Eis ali o estado em que fica qualquer casa de familia, quando a dona deserta—é um inferno!

E no entanto vv. excs. não têm o direito de se entregar de corpo e alma a egreja. Assim como nós outros temos nossas obrigações e compromissos, vv. excs. têm os seus.

A mulher, permittam vv. excs. que o diga- mos, tem sobre a terra certos deveres, cuja má observancia redundam em prejuizo de mu- lti e significa a mais criminosa infracção das leis creadas por Deus e das leis creadas pelo homem civilizado.

Do procedimento da mulher, saíam vv. excs., depende o equilibrio social, depende o equilibrio politico, depende todo o estado pa- thologico e todo o desenvolvimento intellec- tual da humanidade.

A influencia que a mulher exerce sobre a actual geração é a mesma que exerce a lua sobre o mar—Vv. excs. regulam nossas en- chedas e nossas vazantes, nossas fluxos e refluxos.

Vv. excs. são a nossa lua com um gesto podem fazer tempestades moudonas e sosso- bar milhares de vida neste immenso oceano, que se chama sociedade.

S'jamos claros—O homem, minhas senhoras, seja elle o que fór—um operario, um arti- sta, um diplomata, um empregado publico, um vadio, um padre, um negociante, um de- putado ou simplesmente um banido, seja elle bom ou mau, esperto ou tólo, nunca é mais do que o desenvolvimento fiel de uma criança, e uma criança, exms. senhores, é obra exclusiva do quem a educou—as mães, e só ellas são as grandes creadoras do bem e do mal, conforme o bom ou mau estado do seus orgãos e de sua intelligencia.

Uma mulher ignorante, supersticiosa e do- cente, é mais perniciosa do que um facionero, arma lo até as dentes e solto no meio de uma povoação; até avançamos mais—uma mulher naquellas circumstancias é ainda peor do que um padre mau!

O padre ao menos, q e nos consta, não amamenta e cria seus filhos; ao passo que a mulher transmite-lhes no leite e nos exem- plares toda a bellonidez de seu caracter e de seu corpo.

A physiologia prova exuberantemente que uma mulher lymphatica, superativa e igno- rante só pode produzir criancas estupidas, rachi- ticos, mas, cheias de frenesim e predispos- ta a anemia escrophulosa e ao rictualismo articular.

Ora, semelhante miangua desenvolve-se como um tumor—carregado de puz, e um bello dia destructoa em homens levados do diabo, mofores de quanta luz do dia, de feio, de innundo e odioso na existencia.

O tumor esgúicha, e esses homens esgú- chados pelo mundo a váo, em cada ponto da sociedade em que possam, deixando, como a barreira, uma enaga pestilenta e o germe do mil outros entes igualmente penici- ciosos. São a lepra do genero humano.

Foi assim que se formaram—Ara, Gicopra, Uru, Tupacuma e o andar das cartas nos ma- gãos.

Para extinguir essa geração damnada, para purgar a humidade dessa apollis terrível, só ha um remedio—é dar a mulher uma edu- cação solida e moderada, é dar a mulher essa bella educação positivista, que se basea nas sciencias naturaes e tem por alvo a felicidade commum dos povos. E' preciso educar a phisico e moralmente, preparal-a por meios practicos e scientificos para ser uma bôa mãe e uma bôa cidadã—torna-la consciente de sua devesas academicas e sociologicas—prepa- rar-lhe o organismo para a proreção, evit e a diathese nervosa como fonte de mal desgra- çado, dar-lhe bôa gymnastica e uma alimenta- ção convenientemente a mytilidade de seus muscu- los, instrui-la e, allega-se principalmente a trabalhar—o trabalho é a base da dignidade, da sae e da affirmação do dever.

A mulher assim preparada não irá gastar ociosamente os dias na egreja, porque com- prehende que um dever sagrado a prende a sua casa e sua familia. Não casará, nem conce- derá que filha sua casa sem a idade neces- saria para conhecer, porque esta physiologi- camente habilitada para coherer os inconveni- entes, que resultam do casamento pre- maturo. Não visitará seus filhos com pelma- toadas e olheiradas, porque sabe que o casti- go corporal é uma medida contraproducente. Não duvidará ensinar lhes um officio, por- que conhece que a exercicio legal des- desenvolve a intelligencia e accentua o caracter.

Esta mulher enfim nunca desampará o seu marido ou os interesses de sua casa, nas crises terribes da vida, porque o trabalho quotidiano de-lhe enagen para affrontar as quebras desastrosas, as necessidades, as mi- sèrias e todas as desgraças humanas—hade resistir ás tempestades, como resistem os fortes e os bons—ella, como um comandante honrodo, morrerá abocada a seu navio!

Para cada um adorar a Deus exms. senhoras, não precisa sair de casa, ao contrario, o sumario da familia é o melhor tempo onde se pode mais religiosamente solemnizar a moral e a virtude—o suor do trabalho honesto sobre mais depressa no throno de Deus do que o vaporoso incenso das sacerdotias.

Deixem por conseguinte vv. excs. os pa- dres em paz com o seu confiteor e recolhiam- se as suas obrigações domesticas. E nos dirão si em breve as faces de vv. excs. não retoma- ram aquelle bello cor de rosa, conido pelas consecutivas penitencias, nos dirão si os seus dentes não se tornaram novamente claros se o hilito não recuperou a frescura perdida, si a pelle não se fez limpa, e a respiração desentpedida, as pernas fortes e os musculos nervosos.

Estão vv. excs. ganharão em peso o que tiverem despendido em volume, perderão o seu ar descombolido e doentio, deixarão de ter as recheias tão transparentes separadas do cranio; as mãos de vv. excs. perderão a humidade aborrecida; os olhos tornar-se hão vivos e felicitosos; o nariz deixará de ser um appen- dize sinistro, para ser um ornamento cêto, petulante, enodibrado e sympathico, as genivas, de roxas e lúbricas serão escarlates e rijas, o pescoço perderá o aspecto tristonho de um espargo esado e terá curvas fiacidas e deliviosas, e enfim vv. excs. poderão ser mãe das mais bellas criancas deste mundo.

Queiram vv. excs. aceitar estes conselhos, sem outra provação de quem os dá, alem do bom desejo de ser lhes agradável, e resolver por uma vez trocar a convivencia dos padres pela das rapazes de d'O Pensador, que são fortes, sadias, moças de futuro, e entre os seus ha um solteiro que, pondo da parte a modestia, bom podia fazer a felicidade de alguma de vv. excs. que quizesse mudar de estado.

E, por desconfirmos que não seremos de toda desatendido, desde já pedimos licença para beijar as mãos de vv. excs. e confessar- mo-nos.

De vv. excs. Criados attenciosos e amigos dedicados.